



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

Esmeralda Ramires

Moã Ka`aguy Regua:

Plantas Medicinais na Visão Guarani Mbya na Aldeia Piraí SC

Florianópolis

2026

Esmeralda Ramires

Moã Ka`aguy Regua:

Plantas Medicinais na Visão Guarani Mbya na Aldeia Pirai SC

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade Ciências Humanas, Ciências Sociais e Aplicadas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dorothea Post Darella
Coorientador: Ms. Vinícius Mouzer

Florianópolis

2026

Ramires , Esmeralda

Plantas Medicinais na Visão Guarani Mbya na Aldeia
Pirai SC / Esmeralda Ramires ;orientadora, Maria Dorothea
Post Darella, coorientador, Vinícius Mouzer, 2026.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Plantas Medicinais. 3. Memória. 4.
Território. 5. Fortalecimento. I. Post Darella, Maria
Dorothea . II. Mouzer, Vinícius . III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica. IV. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Campus Universitário - Trindade CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC

Telefones: (048) 3721-4879 – 3721-2600

licenciaturaindigena@cfh.ufsc.br

Ata da Banca de Defesa de TCC de

Esmeralda Ramires

Aos vinte dias do mês de novembro do ano dois mil e vinte e cinco, às 08h30, na sala 110 – Bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos(as) Professores(as) Profa. Dra. Maria Dorothea Post Darella (Orientadora e Presidente), Ms. Vinícius Mouzer (Coorientador), Ana Maria Ramo y Affonso e Oendu de Mendonça, designada pela Portaria nº. 54/HST/CFH2025, do Senhor Prof. Dr. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Esmeralda Ramires, subordinada ao título: Moã Ka'aguy Regua: Plantas Medicinais na Visão Guarani Mbya na Aldeia Pirai SC. Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao aluno, na forma regimental, expor o tema do seu TCC, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foi arguida pelos membros da banca examinadora. Em seguida, deu as explicações que se fizeram necessárias. A seguir a banca examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do curso, sendo o candidato () Reprovado; (x) Aprovado. Nota 10. O texto final (TCC) deverá ser entregue na biblioteca no prazo de **90 dias** a contar da presente data, levando em consideração as recomendações da banca examinadora.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Dorothea Post Darella (Orientadora e Presidente) – UFSC

Ms. Vinícius Mouzer (Coorientador)

Profa. Ana Maria Ramo y Affonso

Ms. Oendu de Mendonça

Aluna: Esmeralda Ramires

Mborai'i (canto)

Nhamandu'i eju katu

Orembovy'a roiko'i aguã

Roiko'i aguã.

Pequeno sol, venha nos alegrar

Para nós viver, para nós viver.

Em memória

Dedico este trabalho à memória daqueles que, mesmo não estando mais presentes, continuam vivos em meu coração e pensamentos.

À minha querida avó Marta Benites Para Rete e meu segundo pai, Henrique Laurindo Fermino Wera que, com amor, ensinamentos e exemplo de vida deixaram marcas profundas em meu coração.

A ausência se faz todos os dias, mas é também a lembrança do seu apoio, carinho e valores que me impulsionaram a seguir em frente e buscar meus sonhos.

AGRADECIMENTO

Primeiro quero agradecer a Nhanderu, por sempre estar presente em minha vida.

Este trabalho também é dedicado aos meus familiares queridos que estão presentes na minha vida, minha mãe, meus filhos, irmãos, minhas tias e tios. E também à professora, minha orientadora Maria Dorothea e ao coorientador Vinícius, e a pessoas que eu conheço que ajudaram muito nessa jornada, como Nuno e Bárbara. Em especial minha avó Para Rete que, ao longo da vida me ensinou como caminhar nesse mundo e tornou a minha jornada mais leve, sobretudo a do Moã Ka'aguy, pois me ensinou a olhar nos espíritos das plantas medicinais para serem valorizadas até a sua partida, em dezembro de 2024. Estou concluindo esse curso, mostrando o modo de ver o mundo através do saber ancestral.

Este trabalho de conclusão de curso é parte de tudo que aprendi com vocês. Agradeço. Aguyjevete.

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso apresento minha pesquisa sobre plantas medicinais Guarani Mbya, com o objetivo de fortalecer os conhecimentos ancestrais que, ao longo dos anos, foram se enfraquecendo pela perda de território e pela exploração dos não indígenas. As dificuldades aumentaram muito e causaram a redução das plantas sagradas do povo Guarani. Minha família tem profundo conhecimento e uma sabedoria muito forte sobre os remédios tradicionais. Minha mãe, por exemplo, é curandeira e aprendeu os preparativos com minha avó, que hoje não está mais entre nós. O tema do TCC busca valorizar esses conhecimentos bem como o aprendizado com os anciãos. Mesmo assim, sigo na caminhada para levar esses saberes às futuras gerações, mantendo-os e fortalecendo-os cada vez mais, para que nunca se percam. Minha família vem de uma linhagem de lideranças espirituais e curandeiras. Por isso, este tema é uma homenagem a eles, mas também mostra a realidade atual - os impactos da poluição das cidades ao redor das aldeias e a retirada dos remédios naturais que antes existiam. Considero muito importante a fala dos anciãos na cultura Guarani, pois é ela que mantém vivo o conhecimento que possuem. As plantas tratadas aqui são Ka'a (erva-mate), Yary (cedro), Yvaro (erva-brava), Pipi (guiné) e Pety (fumo). Essas cinco plantas sagradas caminham juntas. Há a cerimônia da erva-mate e o batismo da água sagrada, no qual se utiliza a casca do cedro. O fumo é usado no petyngua (cachimbo). A erva-brava está sempre presente na Opy (casa de reza), preparada no bule como chá para tomar no chimarrão. E, por fim, a Guiné, que faz parte do dia a dia para espantar maus espíritos também serve de remédio para tosse.

Palavras-chave: Plantas Medicinais, Fortalecimento, Território, Memória.

IPARA MBYA PY

Kova'e kuation py ma ambopara moã kaaguy regua, mbaraete ame`en aguã ymã ramo ayu omboaxa va`e kuery pe ha`e gui ayn ikuai va`e pe, ayn py ja jurua kuery omobama kaaguy ombovaipa, moain kuai va`e, okanhy mba ma, xeretara kuery ma oikua va`e moa regua ramo kovae ipara oin, rae ayu amonkanhy aguã he`yn , xexy ma oikuaa xejaryi gui poã ojapo aguã, xejaryi ma nda`ipo veima koo yvy rekoaxy ha`e ramo jepe ikuai teri oreko mboe va`e hae vy kovae ajapo ayvu ajopy amoin pora xeakapy vy, hae vy kunumngue kunhataingue oikuaa ta, hae vy mbaraete romeen tujakueve pe, xee ambopara petein tein regua moa aiporavo kuation py oin aguã amoin yvaro, pipi, yary, petyn, ka`a, kovae mbya kuery jaiporu ve teri ayn peve.

Mbyte ayvu: Moã ka`aguy, Mbaraete, Yvyrupa, Ayvu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fonte: LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila (Org./Ed.). Terras Guarani no litoral, 2004, SP, p.50.....	15
Figura 2 - Fonte: https://terrasindigenas.org/	16
Figura 3 - Fonte: https://terrasindigenas.org.br/#pesquisa	16
Figura 4 - PGTA PIRAÍ (Funai, 2008).....	17
Figura 5 - Amba'i (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 14 de setembro de 2024	21
Figura 6 - Yary (Foto: Dailton Almeida, Aldeia Piraí/SC, 29 de fevereiro de 2024	21
Figura 7 - Ka'a moxã (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 14 de setembro de 2025).....	22
Figura 8 - Ka'a nhemonxã (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 14 de setembro de 2025).....	23
Figura 9 - Ka'a mombiru (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 15 de setembro de 2025).....	24
Figura 10 - Angu'a (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 15 de setembro de 2025).....	25
Figura 11 - Ka'a ku'i (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 15 de setembro de 2025).....	26
Figura 12 - Reserva Indígena São João Batista https://goo.gl/maps/8CK5rTnTQdzWs2va7?g_st=ac	29
Figura 13 - Reserva Indígena São João Batista (aproximada) https://goo.gl/maps/8CK5rTnTQdzWs2va7?g_st=ac	30
Figura 14 - Cecília Brizola em preparação da planta medicinal (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 11 de julho de 2025).....	31
Figura 15 - Fonte: DARELLA, Maria Dorothea Post; AFFONSO, Ana Maria Ramo y; MELO, Clarissa Rocha de; ALVIM, Victoria Tricarico; GUEROLA, Carlos Maroto; COLOMBERA, Ana Claudia (orgs.). <i>Tape mbaraete anhetengua: fortalecendo o caminho verdadeiro</i> . Florianópolis, SC, 2018, p. 84 e 87.....	33
Figura 16 - Fonte: DARELLA, Maria Dorothea Post; AFFONSO, Ana Maria Ramo y; MELO, Clarissa Rocha de; ALVIM, Victoria Tricarico; GUEROLA, Carlos Maroto; COLOMBERA, Ana Claudia (orgs.). <i>Tape mbaraete anhetengua: fortalecendo o caminho verdadeiro</i> . Florianópolis, SC, 2018 p. 86.....	33
Figura 17 – Herbário elaborado durante o estágio (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 24 de setembro de 2025).....	34
Figura 18 – Ka'a nhemoxã (Foto: Cacique Wera Puku, Aldeia Piraí/SC, 14 de setembro de 2025).....	40
Figura 19 – Amba'i (Foto: Dailton Almeida, Aldeia Piraí/SC, 01 de março 2025).....	40
Figura 20 – Marta Benites Para Rete (Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Piraí/SC, 02 de julho de 2022).....	41
Figura 21 - Marciana Brizola Para Poty (Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Piraí/SC, 30 de maio de 2025).....	42
Figura 22 - Julia Ocampo Para`i (Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Piraí/ SC, 02 de julho de 2022).....	43
Figura 23 - Henrique Laurindo Fermino (Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Piraí/SC, 03 de julho de 2022).....	43
Figura 24 - Marciana e Henrique (Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Piraí/SC, 03 de julho de 2022).....	44

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	12
2. Introdução.....	13
2.1 Histórico da aldeia Pirai.....	14
3. Moã regua - plantas medicinais.....	18
3.1 Saberes transmitidos pelos mais velhos.....	18
3.2 Espiritualidade das plantas.....	18
4. Nhemongarai.....	20
4.1 Cerimônias de batismo: Yy Karai (batismo da água sagrada)	20
4.2 Ka`a nhemongarai (cerimônia da erva-mate)	22
5. Principais plantas medicinais utilizadas na aldeia Pirai	27
6. Impactos da Perda de Território.....	29
7. Espaço escolar.....	31
8. Conversas e Relatos.....	35
8.1 Gravações de Vídeo realizadas por Esmeralda Ramires e Kleber Ramires (local: Opy da aldeia Pirai; data 02/07/2022)	35
Aguyjevete.....	37
Conclusão.....	37
Glossário.....	38
Referências.....	39
Apêndice.....	40

1. Apresentação

Me chamo Esmeralda Ramires Waryju Yxapya, sou indígena do povo Guarani Mbya, nascida na aldeia Piraí, localizada no município de Araquari, Santa Catarina. Filha de Marciana Brizola Para Poty e Joel Ramires Karai, cresci ouvindo histórias, conselhos e ensinamentos dos mais velhos da minha família, principalmente da minha avó, Marta Benites Para Rete, que foi uma grande conhecedora das plantas medicinais e da espiritualidade.

Desde cedo aprendi, por meio da oralidade, a importância de respeitar e valorizar os saberes tradicionais. Minha avó sempre dizia que quem quer aprender sobre as plantas precisa escutar com o coração, ter paciência e fé, pois o conhecimento não é só sobre remédio, mas sobre o modo de viver em harmonia com a natureza. Esses ensinamentos me acompanharam durante toda minha vida e me inspiraram a seguir no caminho da educação e da pesquisa.

Iniciei meus estudos na Escola Cacique Wera Puku, na aldeia, até a quinta série e depois fui para escola dos brancos, em São Pedro, no município de Guaramirim, enfrentando muitos desafios, como o preconceito, a distância e a falta de valorização da nossa cultura nos espaços escolares. Mesmo assim, segui em frente com o apoio da minha família e da comunidade. Hoje sou estudante do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Universidade Federal de Santa Catarina, com muito orgulho de estar ocupando esse espaço como indígena, carregando comigo a memória dos meus ancestrais.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é parte da minha trajetória de vida e tem como objetivo valorizar e fortalecer mais os conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais. Faço isso não só como pesquisadora, mas como alguém que vive, aprende e sente esses saberes no dia a dia. Dedico este trabalho à minha avó Marta Benites Para Rete e a todos os anciãos que continuam ensinando com sabedoria e humildade.

Acredito que contar minha própria história neste trabalho é também uma forma de afirmar minha identidade, dar visibilidade ao meu povo e fortalecer nossa luta pelo território, pela cultura e pelo conhecimento ancestral.

Este Trabalho de Conclusão de Curso surgiu da minha vivência e convivência com os mais velhos da minha comunidade, especialmente com minha avó, Marta Benites Para Rete, e minha mãe, Marciana Brizola Para Poty. Desde criança, ouvia histórias, ensinamentos e conselhos passados oralmente, que envolviam não só o uso das plantas medicinais, mas também a forma de entender o mundo a partir da nossa cultura e espiritualidade.

2. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo fortalecer o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais transmitido por minha família e por anciãos, lideranças e jovens da comunidade Piraí, com foco na forma como esse saber é repassado entre as gerações. Minha avó materna, Marta Benites Para Rete, que partiu em dezembro de 2024, era uma das guardiãs desse conhecimento. Ela ensinava de forma oral, passando seu saber para filhos e netos, sempre reforçando que compreender as plantas medicinais exige mais do que curiosidade: é preciso respeito, crença e disposição para aprender. Segundo ela, há um ritual, não rígido, mas necessário, que envolve escuta, convivência e fé no saber ancestral.

Minha mãe, Marciana Brizola Para Poty, também reforça que aprender com os mais velhos exige paciência e tempo, pois esse aprendizado acontece ao longo da convivência e das jornadas da vida. Assim, pretendo seguir esse caminho de escuta e respeito, dedicando esta pesquisa à memória dos que já se foram e ao legado que deixaram.

Atualmente, esse conhecimento está fraco, assim como as próprias plantas medicinais, devido à perda de territórios, à destruição da mata e ao avanço das mudanças ambientais. Por isso, é fundamental fortalecer mais a escuta e acompanhar os anciãos nos ensinamentos. Valorizar e ouvir os mais velhos é essencial para manter viva essa sabedoria.

Motivada por esses saberes e pela preocupação de fortalecer esse conhecimento ancestral, decidi dedicar este trabalho a manter os cuidados com as plantas medicinais e à valorização do saber tradicional transmitido pelos anciãos. Aqui trago palavras e conhecimentos de quatro gerações, incluindo a minha.

O objetivo principal da pesquisa é compreender e registrar como esse conhecimento é repassado para e entre as gerações, e qual a sua importância dentro da visão dos mais velhos, considerando também os impactos da perda de território e da destruição ambiental.

Para isso, a metodologia escolhida é baseada na escuta atenta, nas conversas com os mais velhos (por meio de cerimônias e rodas de conversa, com alunos da Escola Cacique Wera Puku), bem como na observação direta e pesquisa de campo em minha aldeia.

A palavra pesquisa não tem tradução para nós indígenas porque aprendemos na convivência desde que nascemos, ou seja, aprendemos escutando, observando e guardando na memória até crescer e compreender o jeito dos mais velhos, porquê é importante seguir o caminho certo. A vida acadêmica vem proporcionando esse trabalho para expor através da escrita, então a escrita afirma o valor que damos ao nosso conhecimento ancestral e mostra ao mundo Juruá o jeito e o pensamento que temos. O mostrar envolve também nossas crianças de hoje, através da escola. A escrita influencia para o aprendizado por causa que os nossos anciões já não estão mais entre nós, aos poucos estão nos deixando, por isso a importância de guardar esse saber e repassar através da escrita e na prática.

2.1 Histórico da aldeia Pirai

Segundo os relatos dos mais velhos, a Aldeia Pirai foi fundada no ano de 1968. Está localizada entre as cidades de Joinville e Guaramirim, no município de Araquari, do lado direito da BR 280 (direção leste-oeste), atualmente composta por 30 famílias, somando mais de 100 pessoas adultas e crianças, liderada pelo Cacique Ronaldo Costa e a vice cacique Priscila Gabriel Costa. A renda da comunidade acontece através da elaboração de projetos buscando parceiros para compra de peixes para açude, construção de viveiros para armazenamento de ferramentas e sementes, envolvendo a comunidade para mutirão. Há também trabalhos em órgãos estaduais, como a Secretaria de Estado da Educação (SED/SC), com contratação de professores, cozinheiras, faxineiras, vigilantes, e federais, como é o caso da área da saúde.

Por causa da duplicação da BR 280 a comunidade vem enfrentando as consequências pela diminuição da área e por não poder usufruir de toda a sua extensão, por medo de ameaças dos vizinhos não indígenas e empresários.

A BR 280, no primeiro trecho da duplicação, segue de São Francisco do Sul até Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. O componente indígena do Estudo de Impacto Ambiental – Relatório de Impacto do Meio Ambiente. Duplicação da Rodovia BR 280, Trecho São Francisco do Sul – Jaraguá do Sul / Santa Catarina, iniciado em 2007 e entregue à Funai em 2010, após as alterações solicitadas, aponta as áreas ocupadas por famílias Mbya Guarani.

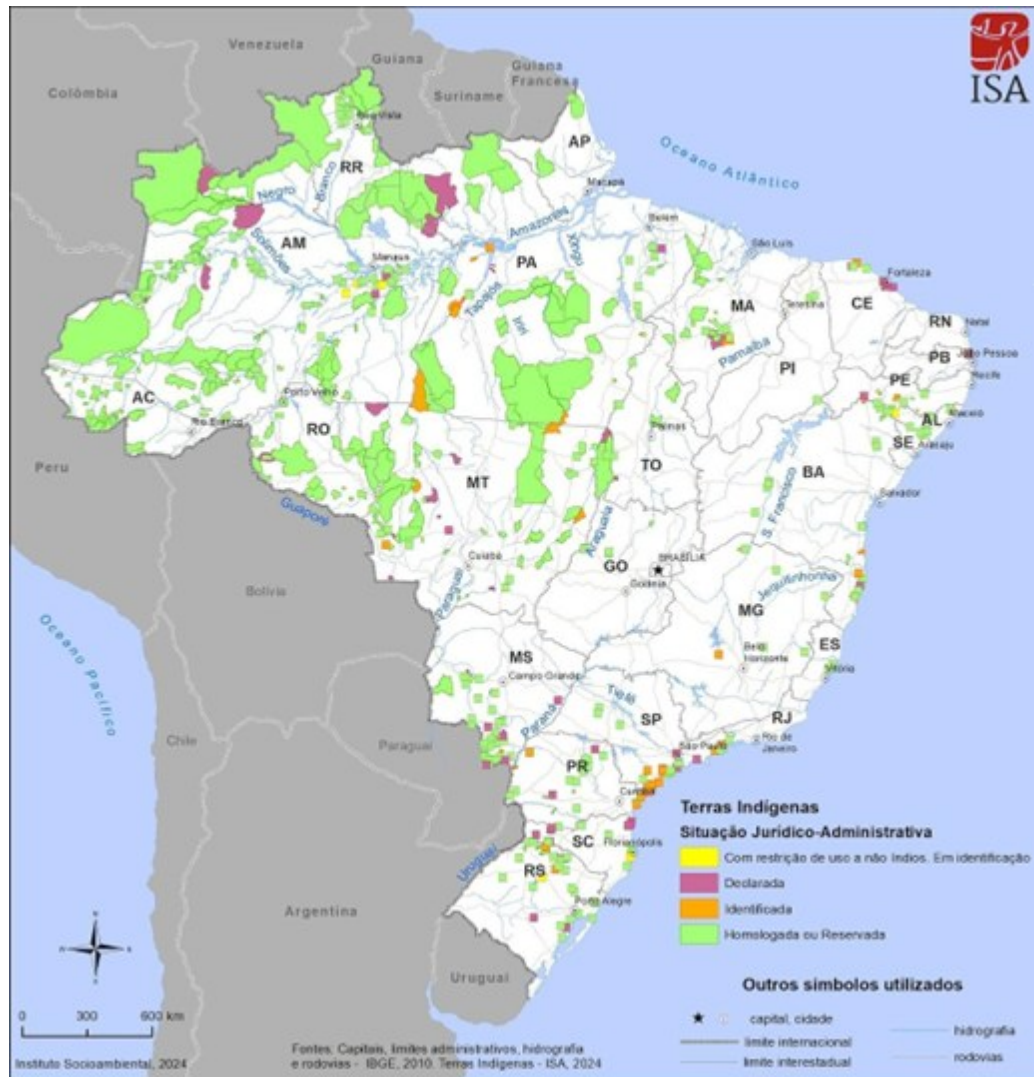
De acordo com este relatório de impacto socioambiental, temos informações como:

Em 1998, quando dos trabalhos do GT da FUNAI, a população de Pirai contava com 14 pessoas, relacionadas à família extensa de Artêmio Brizola e Marta Benite. No ano seguinte a aldeia reunia 28 pessoas, exatamente o dobro da população, por conta inclusive da presença de parte da família extensa Euzébio, proveniente da TI La Klãnõ (Alto Vale do Itajaí), que pretendia viver do lado oposto da rodovia. Em 2001 a população da aldeia perfazia 47 pessoas, somando famílias nucleares integrantes da família extensa de João Acosta (e suas esposas Rosalina de Oliveira e Juliana Ortega), irmão de Francisco Timóteo Kirimaco por parte de mãe, ambos atualmente em Yy Akã Porã (Darella et al., 2010, p. 155).

No ano de 2004 foi publicado o livro *Terras Guarani no Litoral. Ka`agüy Oreramói Kuéry Ojou Rive Vaekue ÿ*. As matas que foram reveladas aos nossos antigos avós, pelo Centro de Trabalho Indigenista, que expõe dados a respeito de minha aldeia - como pode ser visto na imagem abaixo. Na época minha aldeia era conhecida como Tiaraju, mas hoje somente como Pirai. A publicação trata também das terras guarani em todo o litoral de Santa Catarina e nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A seguir, exponho mapas que mostram a localização de terras indígenas no Brasil e no litoral de Santa Catarina, com destaque para Piraiá.

Figura 2 - Mapa das terras indígenas no Brasil



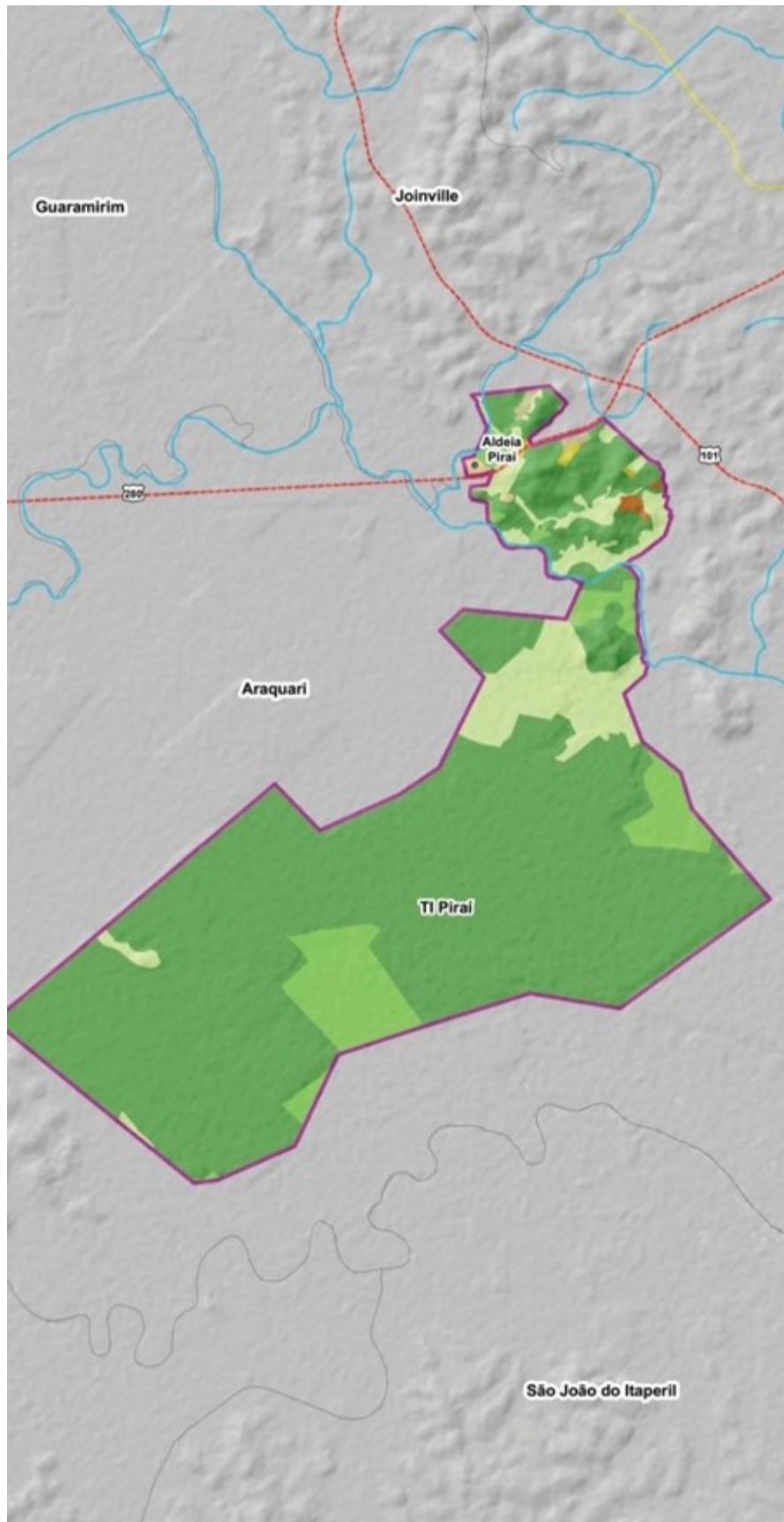
Fonte: <https://terrasindigenas.org/>

Figura 3 - Localização da Aldeia Piraiá



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/#pesquisa>

Figura 4 – Terra Indígena Pirai



Fonte: PGTA PIRAÍ (Funai, 2008).

3. Moã regua - plantas medicinais

Ayn ko moã jurua ojapo va`e kue ma ja`u, rae tein omboaxa revei ve merami xo nemobaeaxy ve vyrive rae ramo aetu ayngui ombojerovia weju jurua mbae rive ju, moa kaaguy mas rema rexarai paju jau`u re`yn ma ojapo ramo nomboaxa voi merami va`eri texain ju nhanderete`i pe ome`en.

Antigamente moã era muito utilizada pelos anciãos porque é a fonte da vida saudável e leve. Raramente as pessoas não ficavam muito doentes naquela época, pois já tinham toda uma técnica para fazer os tratamentos, porque viviam na natureza e não tinham dificuldade de procurar e encontrar. Moã não é coletada de qualquer maneira, por isso os xeramoin e xejaryi kuery sempre acompanham os mais jovens para retirar da natureza. Até hoje é utilizada ainda, mais bem pouco por causa dos remédios industrializados, que as comunidades preferem usar porque é mais fácil de obter através de receitas médicas da SESAI, e porque eles acham que esses remédios curam mais rápido, sem deixar sequelas.

Daniel Timóteo (2020), em sua pesquisa de TCC deste mesmo curso Licenciatura Intercultural Indígena/UFSC, relata o trajeto de sua família na sua comunidade TI Mbiguaçu, no uso das plantas medicinais, e também traz as memórias do aprendizado na caminhada durante a pesquisa. Ele expressa a importância e o respeito aos espíritos das plantas e o modo como devem ser tratadas. O objetivo de Daniel era demonstrar a importância das plantas medicinais para a educação corporal guarani. Também conta a vivência com a sua mãe, dona Maria Takua, pois ela sempre transmitia a sabedoria ancestral da utilização das ervas medicinais através da orientação, observação e no modo do preparo dos chás. Todo esse conhecimento foi repassado a ele, com a preocupação e o compromisso de manter vivo o conhecimento. Fez a pesquisa a partir da própria vivência com a família, com o propósito de nunca esquecer e de valorizar esse saber ancestral.

3.1 Saberes transmitidos pelos mais velhos

Desde muito tempo os mais velhos sempre transmitem os seus conhecimentos através da oralidade e na prática. Eles falam que o aprender acontece ouvindo/escutando e praticando, havendo uma caminhada longa para alcançar, por exigir paciência e bondade. O lugar mais importante para ter esse saber é na Opy, porque é um lugar de concentração e onde os espíritos nhe`en, estão lado a lado.

3.2 Espiritualidade das plantas

Os conhecimentos vividos através da observação foram desenvolvidos ao longo do tempo e são aplicados no cotidiano pelos mais jovens que ainda têm o conhecimento através do aprendizado com os mais velhos.

Pela nossa tradição, a Opy é o centro de referência do Tekoa (aldeia), na qual os opita`i va`e kuery (Rezadores) identificam o tipo de doença do indivíduo: as práticas são frequentes e se

estendem por muitas horas, comandadas pelo líder espiritual. As rezas são realizadas através de cantos sagrados, instrumentos musicais, danças e discursos.

O que nós não podemos perder para manter a nossa saúde? Quando identificamos a doença ou sentimos dor no nosso corpo, procuramos o opita'i va'e na Opy: antigamente só buscávamos a medicina Juruá, se o líder espiritual falava se tratar da doença do branco (Juruá). A maneira como compreender e vivenciar a relação saúde/doença está associada à espiritualidade.

Por não terem escrito antigamente, seguimos com a tradição oral, mas valorizamos bastante as palavras, as boas palavras e os cantos são extremamente importantes para viver de acordo com o Nhande reko (modo de viver), pois nós vivemos muito o espiritual porque tem o poder de nos guiar.

4. Nhemongarai

Os nhemongarai são feitos todos os anos na aldeia Piraí, sendo as cerimônias mais importantes para o nosso povo, porque têm significado muito forte: representam a purificação dos nossos espíritos e a renovação. Através dos nhemongarai recebemos o nome em Guarani Mbya pela bênção de Nhanderu, que também abençoa as sementes sagradas para serem plantadas.

4.1 Cerimônias de batismo: Yy Karai (batismo da água sagrada)

Darci da Silva (2025, p. 54), em sua dissertação, narra sobre nhemongarai:

Yy karai é uma cerimônia (ou ritual) de batismo da água sagrada onde a gente recebe o nome indígena, o tery. Através do ritual é revelado o nome pelos Nhanderu aos xeramoi kuery. Yy karai é uma grande cerimônia, uma das principais que a gente tem na nossa cultura, no povo Guarani. Faz parte de um conjunto de rituais sagrados que não podem ser esquecidos, por isso esse conhecimento é repassado para os jovens, para que possam cada vez mais fortalecer a cerimônia. Yy karai é um ritual praticado na opy (casa de reza), acompanhado pela música, canto, petyngua (cachimbo).

No batismo da água sagrada os xeramoin e as xejaryi falam da importância desse evento, eles ensinam o processo de aprendizagem oralmente e na prática, no qual é utilizada a casca de yary, planta medicinal na nossa cultura material e espiritual, porque essa casca é colocada na água dois dias antes de ser usada no batismo. Esse processo todo é feito por uma pessoa mais velha. No dia, essa água sagrada deve estar pronta para o líder espiritual molhar a nossa cabeça e essa água sagrada é colocada no altar onde fica amba'i.

Amba'i é onde é colocada a água sagrada. Feita de cedro, tem o formato de uma canoa, na qual todos os nossos espíritos se juntam para o fortalecimento da nossa comunidade e o local de concentração: ela representa a terra e o céu. Altar é o local onde os instrumentos sagrados são pendurados.

Figura 5 - Amba'i



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 14 de setembro de 2024.

Figura 6 - Yary



Foto: Dailton Almeida, Aldeia Pirai/SC, 29 de fevereiro de 2024.

4.2 Ka'a Nhemongarai (cerimônia da erva-mate)

Essa cerimônia da erva-mate é realizada todos os anos para celebrar o arapyau (ano novo) e para saber a saúde de cada pessoa, seja espiritualmente ou fisicamente. É quando os líderes espirituais abençoam as crianças e adultos que não têm nome em Guarani Mbya.

No primeiro dia do nhemongarai, os Xondaro kuery - homens e meninos, preparam a folha da erva-mate que eles amarram em pequenas quantidades para seus filhos, irmãos ou parentes de longe, para que o líder espiritual saiba da sua saúde. Depois essas folhas são penduradas dentro da Opy, sendo que um dos líderes faz seu canto para que um xeramoin se concentre e possa fazer a reza das folhas que foram penduradas.

Vejamos as imagens abaixo, que ilustram o processo aqui relatado.

Figura 7 - Ka'a moxã



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 14 de setembro de 2025.

Figura 8 - Ka'a nhemonxã



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 14 de setembro de 2025.

No segundo dia é a vez das xondaria, das mulheres, que acordam cedo para preparar o fogo na Opy e em cima do fogo colocar as folhas da erva-mate para secar, para então serem moídas no pilão. Depois disso, a erva é colocada numa parte do porongo, colocada na mesa que já está à frente, quando o líder espiritual faz a reza.

Figura 9 - Ka'a mombiru



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 15 de setembro de 2025.

Figura 10 - Angu`a



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 15 de setembro de 2025.

Figura 11 - Ka'a ku'i



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 15 de setembro de 2025.

5. Principais plantas medicinais utilizadas na aldeia Pirai

A planta muito utilizada pela minha família é a erva-mate. O consumo do **ka'a** auxilia na purificação do corpo também representa os nossos espíritos. A cada arapyau (ano novo) é utilizada nas cerimônias. Mas a sua principal finalidade é aumentar a resistência à saúde, possibilitando que, em geral, se coma menos e, assim, as pessoas tornem seus corpos leves para não sentirem mal-estar. Não só a erva-mate como todas as outras plantas são sagradas para a cultura guarani mbya. As principais, utilizadas na comunidade Pirai pelos mais velhos e dentro da Opy, são também:

- **Yary**, que sempre está no altar que chamamos de amba'i, com água e casca de cedro para molhar a cabeça;
- **Yvaro**, cujas folhas e galhos são muito utilizados para o consumo em chimarrão e chás, e para tomar banho, quando os mais velhos aconselham;
- **Pipi**, que no dia a dia é usado tanto para espantar os maus espíritos quanto para tosse, dor de garganta. Raspada, a raiz dessa planta é misturada com água para o consumo;
- **Petyn** desde antigamente é muito utilizada porque se plantava, e também brotava sozinho, mesmo sem plantar. Isso acontece hoje em dia ainda. Os mais velhos antes faziam seu próprio fumo de corda para fumar no petyngua, mas agora a maioria já é comprado e não é mais natural, misturado com vários tipos de química. Mesmo assim, utilizamos muito ainda porque acreditamos que isso não impede continuarmos com a reza. O petyngua e o petyn andam juntos porque é a fumaça que traz a purificação aos chás preparados e sempre tem todo um ritual para o preparo dos remédios naturais, acompanhado pela fumaça do fumo no cachimbo.

Ka`a

Kova`e ma ore kuery roiporu ra`e tein nhanderue yva tegua oeja ko yvy rekoaxy re mbya`i kuery pe texain omeen aguã ra`e ramo aetu nda`e vei orerexarai aguã ra`egui imae`yn vae py kovae.

A erva mate é muito utilizada pelo povo Guarani não só por causa do chimarrão, mas porque acreditamos que a erva traz a purificação ao nosso corpo, e na nossa tradição ela tem o poder de nos proteger. Por isso é utilizada nas cerimônias que acontecem a cada ano na aldeia, para renovar os nossos espíritos para a vida saudável.

Petyn

Roiporu ropita aguã petyngua py, opyire ra`egui roin rivei apy rojerovia reve romombeu orere te`i nhanderue pe, rataxin rupi ogueraa yvate, raegui kovae ma roiporu avi poã rojapo aguã, onhekyxin ramo ra`egui tain raxy pe omboaxa aguã.

O fumo é muito utilizado para fumar no cachimbo na casa de reza ou em outros lugares, para nos conectar sempre com Nhanderu. Ele é muito sagrado para nós porque tem o poder de cura, também é preparado como remédio, misturando com outras ervas medicinais, quando o indivíduo se cortar ou cair e se machucar, esse remédio é como cicatrizante e alivia a dor.

Pipi

Opamba`e pe iporã ijuku`a va`e pe haxo oixu`u ramo ipireraku ramo vi ra`e vyma kova`e roiporu ira`yn xa vae omondyia, kunha tain kunumingue pe vi ipora onhemoãkua mba aguã ka`aguy oomavy. ra`egui inhengue ra`e inhe`en nguxuapy.

Guiné é muito utilizado no dia a dia do povo Guarani, tanto para tosse como dor de garganta. A raiz dessa planta é raspada e misturada com erva-mate e tomada no chimarrão, para aliviar os sintomas. Utilizamos também para espantar os espíritos ruins e para isso plantamos ao redor de nossas casas.

Yary

Poã guaxu ma kova`e nhanderuete ombojera ko yvy rekoaxyre oeja mbya kuery oiporu agua romoanky oreakã baeaxy vaikuerei rojopy aguã e`yn ra`egui orembaete agua kuringuei raxenrei romoakyn agua opy`ire oin ambai py.

O cedro é uma árvore sagrada que Nhanderu deixou na terra para servir como medicina tradicional guarani. São utilizadas a casca e a própria madeira dessa árvore para ser colocada a água e a casca de cedro, feita com o formato de uma canoa para utilizar nas cerimônias de batismo.

Yvaro

Yvaro ma poã guaxu aviae opambae pevi iporã ko mbaeaxy mbavyky gui ndajaiko porain vae pegua, mbojerovia rupi jaipora vae kova`e ma ipo porã va`e rã ojapo oikotenve anhengua ramo ombojaity pa ran nderetere oin vae.

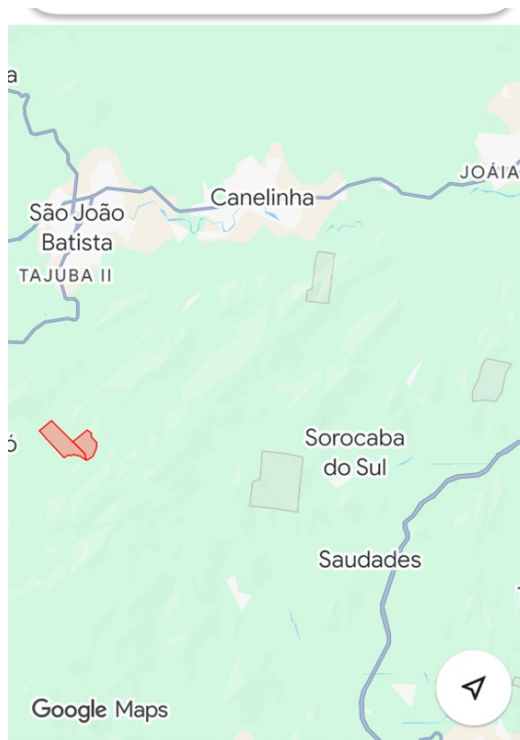
Erva brava, também usada como medicinal e chamada poã guaxu, tem a função de prevenir as doenças que são difíceis de curar. Também tomamos no chimarrão, mas as mulheres gestantes não devem tomar porque é muito forte e pode provocar aborto. É bom para tomar banho com suas folhas, se o pajé recomendar.

6. Impactos da Perda de Território

A aldeia Pirai tem sofrido muito com a duplicação da rodovia BR 280 e está sendo afetada por falta de território. Os mais velhos reclamam que está diminuindo a área da mata onde se encontravam as plantas medicinais e procuram a melhor maneira de não perder essas plantas, indo a outras áreas e trazendo-as para serem plantadas ao redor de suas casas.

A vontade de minha avó era morar numa área cheia de mato, com nascentes limpas, onde ela se sentiria confortável como numa verdadeira casa, usufruindo da natureza, ouvindo os cantos dos pássaros, sem incomodar ninguém. O barulho dos carros buzinando, passando pela BR 280 na aldeia Pirai, incomodava-a muito. Então foi por isso que ela lutou muito para conseguir um lugar bom para viver e a área em São João Batista foi escolhida justamente por ela - Marta Benites Para Rete, que hoje não está mais entre nós, como antes escrito. Mesmo assim, filhas e netos vão mudar para essa área em breve. A vontade e realidade de ver os familiares vivendo no lugar novo foi conquistado. Vejamos na imagem abaixo sua localização (bem como a de outras áreas guarani próximas, em Canelinha e Biguaçu) e seu “formato”, com dimensão de 145 hectares, conforme o Registro de Imóveis da Comarca de São João Batista, matrícula n. 24.293, do Livro 2:

Figura 12 - Reserva Indígena São João Batista

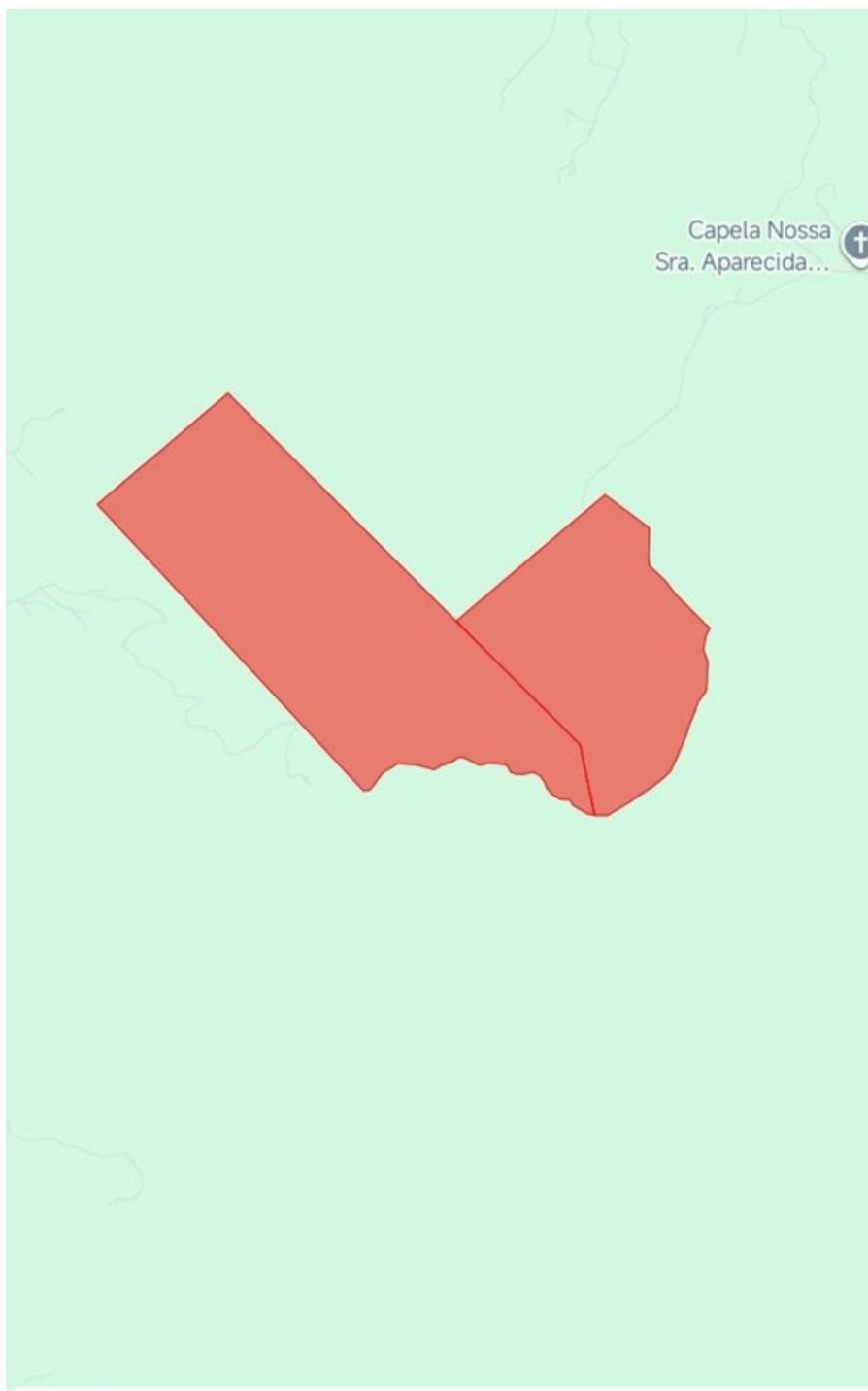


Reserva Indígena São João Batista

Área adquirida como compensação ambiental pelas obras de duplicação de BR-280/SC sobre a Terra Indígena Pirai, em Araquari, SC.

Fonte: <https://goo.gl/maps/EMe5hnTNBidFZKs4A?gst=ac>

Figura 13 - Reserva Indígena São João Batista (aproximada)



Reserva Indígena São João Batista

Área adquirida como compensação ambiental pelas obras de duplicação de BR-280/SC sobre a Terra Indígena Pirai, em Araquari, SC.

Criado em: 18 de setembro de 2025

Fonte: <https://goo.gl/maps/EMe5hnTNBidFZKs4A?gst=ac>

7. Espaço escolar

A escola proporciona muito na aprendizagem dos alunos quanto ao modo de ver as plantas medicinais, valorizando mais as tradições do povo Guarani. Os professores dão essa oportunidade de ensinar/aprender, porque é uma maneira de cuidar do corpo fisicamente e espiritualmente, e também para manter os conhecimentos. É a maneira de chamar mais a atenção das crianças e jovens porque nessa fase eles têm muita curiosidade de focar nas palavras dos seus pais e lideranças da comunidade.

Figura 14 - Cecilia Brizola em preparação da planta medicinal



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 11 de julho de 2025.

Como vemos na imagem, a professora está mostrando aos alunos a preparação de uma planta medicinal na prática, assim eles aprendem melhor do que ficar só na escrita e vão saber preparar quando precisarem durante a vida toda.

O livro *Tape Mbaraete Anhentequa: fortalecendo o caminho verdadeiro* (2018, p. 81 e seguintes) relata sobre a Prática da Educação Escolar Diferenciada, Ações Desenvolvidas pelas equipes de trabalho da Ação Saberes Indígenas na Escola – Núcleo Santa Catarina¹ no contexto Guarani. Trata, entre outros assuntos essenciais, de *Moã regua: ervas medicinais*, em Ação Desenvolvida pelos Professores e Alunos das Escolas das Aldeias do Litoral Norte de Santa Catarina, da qual os alunos e membros da comunidade Pirai também participaram, mostrando aos alunos como coletar as plantas medicinais e a prática de como preparar os remédios naturais.

Textos e imagens, assim, se articulam com o que está redigido neste TCC, fortalecendo a pesquisa realizada. De acordo com o texto:

Por que pesquisamos sobre as ervas medicinais? Porque antigamente não se usava remédio de farmácia, utilizavam-se somente ervas como remédio. Naquele tempo, não havia tantas doenças. Com o passar do tempo, o uso da medicina dos jurua kuery, os não indígenas, passou a estar muito presente entre os Guarani, interferindo na medicina tradicional.

As ervas são fundamentais para a vida do Guarani, pois Nhanderu, quando estava na Terra, nos ensinou que elas são a fonte de nossa sobrevivência. Os anciões carregam a sabedoria do uso das plantas, vinda de Nhanderu, para transmiti-la às novas gerações. Assim perpetuam o conhecimento e a prática da medicina para a cura e para a própria vida Guarani, desde o plantio, passando pela preparação dos alimentos e chás, até a alimentação diária. Elas são usadas e preparadas de variadas formas e para finalidades diferentes. Sua preparação passa por rituais até virarem remédio ou alimento.

Vejamos as imagens abaixo:

¹ Programa do Ministério da Educação, iniciado em 2013 para fortalecer a formação de professores indígenas.

Figura 15 – Práticas com as crianças sobre plantas medicinais



Fonte: DARELLA, Maria Dorothea Post; AFFONSO, Ana Maria Ramo y; MELO, Clarissa Rocha de; ALVIM, Victoria Tricarico; GUEROLA, Carlos Maroto; COLOMBERA, Ana Claudia (orgs.). *Tape mbaraete anhetengua: fortalecendo o caminho verdadeiro*. Florianópolis, SC, 2018, p. 84 e 87.

Figura 16 – Atividades com as crianças/alunos



Fonte: DARELLA, Maria Dorothea Post; AFFONSO, Ana Maria Ramo y; MELO, Clarissa Rocha de; ALVIM, Victoria Tricarico; GUEROLA, Carlos Maroto; COLOMBERA, Ana Claudia (orgs.). *Tape mbaraete anhetengua: fortalecendo o caminho verdadeiro*. Florianópolis, SC, 2018, p. 86.

Aqui trago alguns elementos de meu estágio relativo à disciplina Estágio IV na Escola Cacique Wera Puku relacionados a relatos e atividades de alunos. O tema das aulas escolhido foi sobre as plantas medicinais, o mesmo do TCC e aconteceu de 22 a 26 de setembro de 2025.

Comecei a conversar com eles sobre o tema e sua importância, o conhecimento de cada família, essa sabedoria que eles trazem para os mais jovens entenderem como é respeitada a natureza e como deve se dar a convivência com ela, guardando as memórias deixadas pelos que já se foram e que nós temos essa grande responsabilidade de seguir o seu caminho. A conversa foi longa no primeiro dia de aula, mas os alunos gostaram bastante. A partir dessa conversa uma das alunas relatou sua experiência como mãe jovem, e que hoje ainda não sabe direito como preparar um remédio natural para a sua filha quando fica doente e que ela sempre pedia para sua mãe fazer. Hoje ela mora longe de sua mãe e fica desesperada quando os filhos ficam doentes, então ela ressalta a importância de sempre acompanhar os preparativos dos chás e os conselhos dos nossos Xeramoin e Xejaryi. A atividade elaborada dentro da sala foi um painel de herbário do moã ka'aguy, para o qual levei quatro plantas medicinais e as mostrei aos alunos. Duas plantas escolhidas foram o Petyn e o Pipi, as mesmas do TCC, e outras duas foram Para para'y e yryvaja rembi'u. Os alunos escreveram os benefícios que essas plantas trazem ao nosso corpo, de acordo com os conhecimentos deles e de seus familiares. A escrita e as conversas durante as aulas foram de grande valor, porque mostraram o interesse de saber mais sobre as plantas, os conhecimentos que cada família tem e o valor que trazem ao nosso espiritual.

Figura 17 – Herbário elaborado durante o estágio



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 24 de setembro de 2025.

8. Conversas e Relatos

Minha Tia Cecília Brizola (local: escola; data: 14/04/2025).

A minha tia relata que através da convivência com sua mãe aprendeu a contar para os mais jovens sobre a utilização das plantas medicinais, porque ela sempre via como eram colhidas da mata e os modos de preparo. Ela quer que os adolescentes aprendam desde logo, para que no futuro eles já saibam como prepará-las. É por isso que ela é professora da disciplina de plantas medicinais na Escola Cacique Wera Puku e diz que é importante na educação das crianças.

Minha Mãe Marciana Brizola (local: sua casa; data 30/05/2025).

Perguntei à minha mãe se qualquer pessoa podia preparar os remédios naturais, então ela falou não ser assim. Contou que antes não sabia nada, que vendo a mãe dela preparando e contando, ela nem se interessava porque aquilo para ela não era importante. Um dia teve filhos, um deles adoeceu e ela entrou em pânico, porque não sabia como preparar algum remédio naquele momento. Ela começou a pensar, pois tinha que saber de alguma planta para não chegar a esse ponto novamente. Ao longo dessa busca pelo conhecimento, começou a se dedicar em ser uma pessoa de bom coração. Resumindo, segundo ela, para ter esse conhecimento, Nhanderu (Deus) fala através do sonho. Mas não fala tudo de uma vez e que tem pessoas na terra também para podermos procurar e querer saber e sentir a bondade no coração.

Há anos ela dá importância às plantas, mas diz que hoje em dia já é difícil curar uma simples gripe porque estamos muito próximos às cidades, não estamos mais dentro das matas, onde têm os remédios naturais para serem utilizados por nós. Essa proximidade com o mundo jurua (não indígena) também traz doenças desconhecidas e os jovens já não sabem mais o modo de preparo dos chás. Tem que ter o dom, procurar os curandeiros, perguntar os processos de cura. Marciana também falou um pouco sobre os alimentos naturais da mata que usamos como remédio, seja para ter habilidade ou a própria cura do corpo, reforçando que cada família tem os seus próprios conhecimentos das plantas.

8.1 Gravações de vídeo realizadas por Esmeralda Ramires e Kleber Ramires² (local: Opy da aldeia Piraí; data 02/07/2022).

Xejaryi Para Rete Marta Benites

“Antigamente, para a cerimônia da erva mate o Nhanderu já preparava de como isso tudo ia acontecer para que os espíritos dos anciãos fiquem bem. Por esse motivo que nossos anciãos fazem essas cerimônias até hoje em dia. Nossos anciões pedem para a gente se concentrar, porque no primeiro momento os homens amarram as folhas da erva, depois as mulheres fazem

² Gravações em língua mbya guarani, traduzidas para o TCC pela autora.

o processo da erva mate com muito respeito e por isso que a usamos até hoje, para que nós possamos nos sentir bem, nossos espíritos possam ficar felizes.”

Xejaryi Guaxu`I Julia Ocampo (local: sua casa; data: 02/07/2022).

“Antigamente, nossas anciãs, nossos anciões traziam as folhas da erva-mate, queimavam as folhas, depois penduravam num altar na casa de reza para que as pessoas pudessem receber seu nome e assim eles faziam desde antigamente até hoje. Eu não esqueço de como faziam, a gente amarra a folha da erva, depois secava e moía e tomamos o chimarrão na casa de reza. Assim que nossos anciões e anciãs faziam antigamente. Além da erva-mate, os homens também batizavam o mel e o guembe`i, e depois, na manhã seguinte, as mulheres faziam mbyta desses alimentos e levavam para a casa de reza e era distribuído para todas as pessoas para comerem e assim faziam.”

Xeramoin Henrique Laurindo Fermino (local: sua casa; data 03/07/2022).

“É difícil, mas vou explicar um pouco que quando estava numa aldeia do meu avô Gapa, era o dia do batismo da erva-mate e ele dizia para nós o seguinte: ‘Quando o dia amanhecer, vocês preparam as folhas da erva mate e amarrem para si mesmo.’ É por isso que a gente faz isso e na manhã seguinte as mulheres moem a erva e também a erva serve para outras coisas para nós. É através dela que a gente fica saudável, a gente usa e toma a erva mate com muito respeito, como dizia o meu avô enquanto estamos segurando a erva, entramos na casa de reza com muito respeito, e por isso que é importante por vários motivos. Se amanhã a gente não quiser acordar, porque não está bem, a gente toma o chimarrão para que o efeito passe rápido e se sentir bem. Também tira o cansaço que tinha, e por isso que o uso da erva mate é tão importante para nós que o Nhanderu criou a erva para nós usarmos. Ele criou e enviou aqui na terra para podermos usar, por isso tem que saber que é importante tomar chimarrão. Usamos e tomamos com muito respeito para nos sentir bem.”

As conversas e relatos surgiram a partir das convivências e escutando, perguntando as histórias de como viviam antigamente, mas sempre no conforto, em volta da fogueira, fumando petyngua, tomando chimarrão, e também contando do porque o interesse dessas conversas para eles. Foi então que contei da minha pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso, o interesse que eu tenho como indígena, neta e estudante. Falei da vontade de aprender, em específico sobre as Plantas Medicinais, falei que nesse trabalho eu escreveria as palavras deles de como é a visão do povo Guarani Mbya, mas queria aprovação deles, para mostrar ao mundo a nossa realidade, os pensamentos dos anciões, e para serem lembrados sempre, não só na escrita, como nas gravações.

Essas conversas foram longas, mas inesquecíveis e até eles aceitarem passou-se um mês, pois eles testam primeiro, porque a verdadeira forma de ter aprovação é tendo paciência e bondade no coração.

Aguyjevete

Avy`a raxa kova`e kuation ambopara vy ayu pora aendu vae kova py amoin nhaneramoin nhandejaryi ijavu vae ndaxerexa rai aguã re amae vy, aguyjevete xerue xexyete pende aema pemeen mbaraete mbyaguaxy kovae py awaen aguã ha`evete.

CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa foi um grande desafio para mim, mas com muita alegria e gratidão à minha comunidade e aos meus familiares, consegui. Este trabalho é dedicado a eles. Aprendendo e escutando os mais velhos consegui chegar ao meu objetivo de mostrar aos não indígenas este trabalho de conclusão de curso sobre as plantas medicinais, pouco valorizadas hoje em dia. Assim, as pessoas que não conhecem podem entender mais a nossa tradição guarani.

Participei das cerimônias, observei as falas dos mais velhos, registrei fotos, escrevi as falas dos meus queridos avós. O tema escolhido foi com base nas falas, valorizando cada pessoa, e fortalecendo mais as memórias dos ancestrais. As plantas medicinais fazem parte da nossa vida e precisam ser respeitadas, assim como o conhecimento de não indígenas sobre as plantas também, para que ambos tenham o conhecimento de cada cultura. Os juruá kuery tem um modo de trabalhar cientificamente, já nós, do povo Guarani, vivemos mais o espiritual e por isso respeitamos muito os seres de cada espécie na terra e a maneira de como cuidamos da nossa terra.

GLOSSÁRIO

Aguyjevete: gratidão
Angu`a: pilão
Juruá: não indígena ou brancos
Ka`aguy: natural, tudo que vem da natureza
Moã: planta
Nhemongarai: cerimônia ou batismo
Nhanderu: Deus
Opita`i va'e: rezador espiritual
Opy: casa de reza ou um lugar sagrado
Regua: sobre
Xejuryi: minha avó
Xeramoin: meu avô
Xondaria: mulher guerreira
Xondaro: homem guerreiro

REFERÊNCIAS

Referências orais

Xeramoin Wera Mirim Maragantu Henrique Laurindo Fermino
Xejuryi Para Rete Marta Benites
Minha tia professora Cecília Brizola
Minha mãe Para Poty Marciana Brizola
Minha bisavó Julia Ocampo

Referências bibliográficas e documentais

DARELLA, Maria Dorothea Post; AFFONSO, Ana Maria Ramo y; MELO, Clarissa Rocha de; ALVIM, Victoria Tricarico; GUEROLA, Carlos Maroto; COLOMBERA, Ana Claudia (orgs.). *Tape Mbaraete Anhetengua: fortalecendo o caminho verdadeiro*. Florianópolis: UFSC; SED/SC; SECADI-MEC, 2018. E-book (PDF). ISBN978-85-45535-09-6. Disponível em <https://saberesindigenas.ufsc.br/livros/>

FUNAI. **Despacho nº 17, de 08 de maio de 2008**. Aprova identificação e delimitação da Terra Indígena Piraí.

LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila (Org./Ed.). *Terras Guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka'agüy Oreramói Kuéry Ojou Rive Vaekue Ỹ*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2004. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/terras-guarani-no-litoral-matas-que-foram-reveladas-aos-nossos-antigos-avoskaaguy>

MARTINS, Daniel Timóteo. *Moã Ka'aguy Regua – Tekoá Mbiguaçu: As memórias das plantas medicinais*. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204722>.

SILVA, Darci da. *Yy Karai: fortalecimento e celebração de nomes Mbya Guarani*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/265445/PGET0637-D.pdf?isAllowed=y&sequence=-1>

Referência videográfica

<https://drive.google.com/file/d/1TO5kwxvx-d8PKgI0bzT5ZEMBQNIhAQn/view?usp=drivesdk>

APÊNDICE

Fotografias relacionadas direta ou indiretamente ao nhemongarai

Figura 18 - Ka`a nhemoxã



Foto: Cacique Wera Puku, Aldeia Pirai/SC, 14 de setembro de 2025.

Figura 19 – Amba`i



Foto: Dailton Almeida, Aldeia Pirai/SC, 01 de março 2025.

Pessoas importantes da minha vida

Figura 20 - Marta Benites Para Rete



Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Pirai/SC, 02 de julho de 2022.

Figura 21 - Marciana Brizola Para Poty



Foto: Esmeralda Ramires, Aldeia Pirai/SC, 30 de maio de 2025.

Figura 22 - Julia Ocampo Para'i



Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Pirai/SC, 02 de julho de 2022)

Figura 23 - Henrique Laurindo Fermino



Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Pirai/SC, 03 de julho de 2022.

Figura 24 - Marciana e Henrique



Foto tirada do vídeo de Esmeralda Ramires e Kleber Ramires, Aldeia Pirai, SC, 03 de julho de 2022.